

foto: Paulo Yuji Takarada



XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

"SER CONTEMPORÂNEO: MEDO E PAIXÃO"

25 a 28 de setembro de 2013 | Campo Grande- MS

"Impossível não nos perguntarmos sobre a construção desta criatura de sonho que vemos em espelho! Um analista já chega pronto ou traz as boas sementes que sua instituição precisa saber cuidar?"

"Para além da formação analítica"

Lenita Nogueira Osório Araújo

pág. 4

"A escuta do psíquico: observação e intervenção terapêutica em uma UTI Neonatal e Pediátrica."

Mariza Inglez de Souza

pág. 8

"A necessidade de marcar posição sobre o que é a psicanálise e seus fundamentos teóricos e sua práxis remete à sua própria história. Desde Freud, inúmeras vezes tornou-se indispensável delimitar o campo psicanalítico."

"Sobre a regulamentação da profissão de psicanalista"

Ana Paula Terra Machado

pág. 7

Notícias da IPA

Ruggero Levy

pág. 12

"Por uma espécie de homenagem do destino, o dia de seu falecimento coincidiu com o aniversário do nascimento de Freud. Merecida homenagem a alguém que dedicou a vida ao estudo da obra de Freud."

"Jean Laplanche: Do vocabulário aos novos fundamentos para a psicanálise"

Paulo de Carvalho Ribeiro e
Maria Teresa de Melo Carvalho

pág. 3

Entrevista

Carlos Barredo

pág. 13

palavras da presidente

GLED A BRANDÃO COELHO MARTINS DE ARAUJO

No próximo mês estaremos exatamente a um ano do nosso Congresso Brasileiro em Campo Grande. O diretor do Conselho Científico conjuntamente com os diretores científicos das Federações e o comitê local já estão se movimentando na organização do evento. Nessa direção, em outubro próximo, durante o Congresso da FEPAL, o Conselho Científico realizará mais uma reunião de planejamento.

O tema **Ser contemporâneo: Medo e Paixão** nos inspira pensar e refletir sobre o mundo contemporâneo e o mal-estar de viver nele, mas também nos convida a discutir o papel da psicanálise e os desafios que esta precisa enfrentar para manter-se atual e revolucionária. Debater sobre a atualidade e o futuro da psicanálise nos leva a refletir sobre seu passado e seu presente de forma a poder extrair, do saber acumulado nesses cento e poucos anos de história, teoria e prática clínica, indagações sobre sua eficácia para os dias atuais em suas dimensões: teórica, clínica, técnica, in-

vestigativa, etc.

O eixo didático, cuja coordenação estará a cargo do colega Cláudio Eizirik, é de fundamental importância para o Congresso. Oportunamente serão convidados os Institutos de Ensino e os colegas interessados em conversar sobre a transmissão da psicanálise intramuros, para pensarem juntos os temas relacionados à formação e ao tema do Congresso. Ainda neste ano os diretores de Instituto serão convidados a se reunirem com o coordenador do Congresso Didático, com o diretor científico, bem como com toda a diretoria da FEBRAPSI para juntos definirmos as diretrizes do eixo didático.

É importante também ressaltar que nestes últimos meses, além das reuniões ordinárias mensais, a diretoria da FEBRAPSI esteve presente, com todos ou apenas alguns membros, nos seguintes eventos das federações: V Jornada Lacan na IPA realizada pela SBPdePA; X Jornada do Núcleo de Maceió; XVII Jornada de Psicanálise da SPRPE; e

XIII Encontro de Psicanálise da Criança e do Adolescente, e VIII Simpósio de Psicanálise da SPMS. Em junho realizamos a Reunião de Presidentes e a Assembleia de Delegados em São Paulo, ocasião em que pudemos ouvir os representantes de todas as Federações e discutir os destinos de nossa Federação. Um dos assuntos debatidos foi a necessidade de criarmos um Projeto Memória que permita organizar e guardar de maneira segura a nossa história. Abraços calorosos e até nosso próximo número.



Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS)



FEDERADAS E PRESIDENTES

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) Plínio Montagna
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) Judit Letsche
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) Bernard Miodownik
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) Viviane Sprinz Mondrzak
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPR) Maria Arleide da Silva
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB) Luciano Wagner Guimarães Lirio
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) Helena Ardaiz Surreaux
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel) José Francisco Rotta Pereira
Sociedade Psicanalítica de Ribeirão Preto (SPRP) Ana Rita Nuti Pontes
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ RIO 4) Rosa Raposo Albé
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS) Lenita Osório Nogueira Araujo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG) Sérgio Kehdy
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG) Delza Maria da Silva Ferreira de Araujo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor) Valton Miranda Leitão
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas) Hang Ly H. de Ikegami Rochel

NÚCLEOS

Núcleo Psicanalítico de Curitiba
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo Psicanalítico de Natal
Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Núcleo Psicanalítico de Aracaju
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina

DELEGADOS

Alirio Dantas Jr.
Ana Rita Nuti Pontes
Ana Paula Terra Machado
Bernard Miodownik
Christine Marques Castro Vinhas
Cláudio Campos
Delza Maria da Silva Ferreira de Araujo
Eleonora Abbud Spinelli
Hang Ly H. de Ikegami Rochel
Helena Ardaiz Surreaux
Humberto da Silva Menezes Jr.
José Francisco Rotta Pereira
Judit Letsche
Lenita Nogueira Osório Araujo
Luciano Wagner Guimarães Lirio
Maria Arleide da Silva
Maria de Fátima Chavarelli
Maria Lucimar Fortes Paiva Defino
Nelson José Nazaré Rocha
Paulo Marchon
Paulo Quinet de Andrade
Plínio Montagna
Ronaldo Mendes de Oliveira Castro
Rosa Raposo Albé
Sebastião Abrão Salim
Sérgio Kehdy
Valton Miranda Leitão
Viviane Sprinz Mondrzak
Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

JEAN LAPLANCHE

DO “VOCABULÁRIO” AOS “NOVOS FUNDAMENTOS PARA A PSICANÁLISE”

No dia 6 de maio passado faleceu Jean Laplanche às vésperas de completar 88 anos de idade. Por uma espécie de homenagem do destino, o dia de seu falecimento coincidiu com o aniversário do nascimento de Freud. Merecida homenagem a alguém que dedicou a vida ao estudo da obra de Freud; à sua transmissão, como analista da *Association Psychanalytique de France*; a seu ensino, como professor da Sorbonne e da nova *Université Paris VII*; e à sua tradução, como diretor científico da tradução francesa das Obras Completas de Freud.

Laplanche nasceu em 21 de junho de 1924. Fez seus estudos primários e secundários em Beaune (*Côte d’Or*). Tendo optado pela formação filosófica, inscreveu-se no *Licée Henry IV*, em Paris, a fim de preparar-se para a admissão na conceituada *École Normale Supérieure (ENS)* onde iniciou seus estudos no ano escolar de 1944-1945 e teve como mestres Jean Hyppolite, Gaston Bachelard e Maurice Merleau-Ponty, entre outros. Em 1950, obteve o título de *agrégé en philosophie*.

Durante sua formação filosófica recebeu uma bolsa de estudos que lhe permitiu passar um ano na universidade de Harvard, onde se encontrou com Rudolph M. Loewenstein e passou a se interessar pela psicanálise. De retorno a Paris, em 1947, iniciou sua análise

com Jacques Lacan, que o aconselhou a estudar medicina paralelamente à formação psicanalítica. Assim, em 1950 iniciou o curso de medicina e passou a trabalhar em hospitais psiquiátricos, com destaque para o serviço de Jean Delay, que ele reconhece como seu principal mestre em psiquiatria. A despeito da formação psiquiátrica, Laplanche identificava-se muito mais com o “analista-filósofo”, designação que lhe conferiam alguns colegas analistas e que ele recebia como elogio.

Em 1959 defendeu sua tese de doutorado, publicada em 1961 com o título de *Hölderlin et la question du père*, cuja fecundidade foi destacada na resenha que lhe dedicou Michel Foucault. No prefácio desse livro Laplanche presta homenagem a Jean Hyppolite e a J. Lacan, cujos ensinamentos foram decisivos para a elaboração de sua tese. Agradece também a Daniel Lagache que incentivou a publicação do livro na coleção *“Bibliothèque de Psychanalyse”*, então dirigida por ele na editora PUF. Lagache foi também o orientador da pesquisa que culminou no tão conhecido Vocabulário da psicanálise, escrito em colaboração com J.-B. Pontalis e cuja primeira edição data de 1967.

Apesar da grande presença de Lagache nos primórdios de seus estudos e de sua formação em psicanálise, é a Lacan que Laplanche atribui o maior peso na sua leitura da obra de Freud. Diante do “título” de “o mais freudiano dos lacanianos”, que muitas vezes lhe atribuíam seus colegas, ele não hesitava em retrucar que se considerava “o mais laciano dos freudianos”. Essa segunda denominação faz jus à influência decisiva de Lacan, mas marca também seu distanciamento com relação ao mestre e a opção por uma via própria de trabalho com o pensamento de Freud. De fato, desde a apresentação, no famoso Colóquio de Bonneval, do texto “O inconsciente, um estudo psicanalítico”, escrito em coautoria com Serge Leclair e duramente criticado por Lacan, já

PAULO DE CARVALHO RIBEIRO
MARIA TERESA DE MELO CARVALHO

é possível perceber os germes da teoria da sedução generalizada, que viria a ser claramente formulada em 1987 com a publicação do livro Novos fundamentos para a psicanálise. Entre Bonneval e a publicação dos novos fundamentos, uma série de publicações evidenciam a trajetória teórica percorrida por Laplanche até a formulação da teoria da sedução generalizada. Entre elas, “Vida e Morte em Psicanálise” e toda a série das “Problemáticas” merecem destaque por serem obras em que a retomada da teoria freudiana do trauma e a primazia do sexual à qual ela se vincula aparecem como fundamentos teóricos e clínicos da psicanálise.

Em 2009, valendo-se de recursos próprios obtidos com a venda do Château de Pommard, onde se dedicava desde 1966 à produção de um dos vinhos mais renomados da Borgonha, foi criada a Fundação Jean Laplanche destinada à divulgação de sua obra e ao desenvolvimento da Psicanálise. Sob os auspícios dessa fundação, presidida por Christophe Dejours, reuniu-se em Paris em julho deste ano um grupo de psicanalistas de diferentes nacionalidades que desde 1992 vem realizando as Journées Jean Laplanche destinadas à apresentação de trabalhos e discussões sobre temas relacionados à teoria da sedução generalizada.

Ao lado de A. Green, também falecido em 2012, Laplanche figurava como um dos últimos representantes de uma geração de grandes psicanalistas franceses. Sua morte, no entanto, não deve ser vista como encerramento de um ciclo particularmente rico da psicanálise, mas como estímulo à renovação e ao enfrentamento dos desafios que se colocam aos psicanalistas na atualidade.

PAULO DE CARVALHO RIBEIRO - Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia (área de concentração em psicanálise) da UFMG
MARIA TERESA DE MELO CARVALHO - Professora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da UFMG.

PARA ALÉM DA FORMAÇÃO ANALÍTICA

A ÉTICA DAS RELAÇÕES NA INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA.

A formação analítica – o que ela ainda tem a nos dizer? O que pode atrair em uma subespecialidade com ares de século XIX, muitas vezes comparada à educação monástica, com diploma válido apenas para sua própria comunidade, sem necessidade de muitas regras definidas além do famoso tríptico da análise pessoal, casos clínicos supervisionados e, a perder a vista, estudos teóricos e técnicos sobre o sistema de pensamento de autores que criaram os diversos paradigmas psicanalíticos, entrecruzados com a reiterada afirmação que a teoria não é uma parte muito importante da psicanálise, sugerindo uma depreciação da idéia de integração da teoria e da prática, na aprendizagem das habilidades clínicas?

A aquisição da identidade psicanalítica se faz ao longo de um percurso imprevisível, com roteiros tão variados quanto são os institutos de formação,

contando com uma combinatória de identificações cruzadas entre os analistas e sua instituição, permeadas por todas as possibilidades de escolha que se oferecem às nossas potencialidades, do berço ao túmulo, sem considerar aportes metafísicos. Assim, é útil que o jovem postulante possa trazer consigo um idealismo inquebrantável, uma submissão elegante e respeitosa aos ancestrais que fixaram os costumes societários, uma sede de leitura que tangencie a obsessão e uma disposição a lidar com estados mentais regressivos, sem prejuízo de seu pensamento criativo e curiosidade, sem jamais perder a ternura. Considera-se fundamental que não se dedique a nenhum culto de personalidades, mas saiba que a evolução do complexo de Édipo de cada analista é influenciada pela posição única de Freud enquanto pai da psicanálise, e que o manejo que cada analista faz do

material edípico do paciente na transferência será afetado por isso.

Ainda é preciso que admita que sua escuta metafórica seja alvo de avaliações seriadas e que, em sua progressão, receba inúmeras sugestões de refinamento ao seu espírito, nem todas concordantes, sob a forma de criações imagéticas, poéticas, filosóficas, linguísticas, além, é claro, das recomendações sobre a ética e estética de seus textos, de sua prática clínica e de sua participação ativa na vida de sua instituição.

Impossível não nos perguntarmos sobre a construção desta criatura de sonho que vemos em espelho! Um analista já chega pronto ou traz as boas sementes que sua instituição precisa saber cuidar?

A formação em psicanálise tem pouco mais de cem anos. O interesse pelo inconsciente e suas produções é mais antigo. Partilhamos lugares comuns

"O tempo perguntou ao tempo qual é o tempo que o tempo tem.

O tempo respondeu ao tempo que não tem tempo para dizer ao tempo que o tempo do tempo é o tempo que o tempo tem."

LENITA NOGUEIRA OSÓRIO ARAÚJO

com sacerdotes e profetas, artistas e filósofos, pois a loucura sempre foi um hit, sagrada ou profana. Como em seu campo de estudo a psicanálise se insere em um continuum entre o corpo e a mente, assim como entre a natureza e a cultura, nada mais justo que queiramos para os nossos institutos profissionais versados em biologia, etologia, neurociências, antropologia, sociologia, etnologia, direito, história, arqueologia, arte, literatura, filosofia, linguística, informática, teologia e muitos outros logos, além de dominar vários idiomas diferentes, pois para sermos capazes de ver o homem sob tão distintos aspectos, precisamos nos complementar com o saber de outras ciências e áreas do conhecimento, mesmo sabendo que nenhuma formação atenderia esse currículo ideal para um período de vida.

Situamos o nascimento da psicanálise como contemporâneo ao impulso unificador do século XIX, que pro-

vocou nas sociedades ocidentais uma sensível uniformização das instituições públicas, das produções culturais e das formas de vida privada, tentando responder por algumas formas de mal estar na cultura que se perfilavam entre as reivindicações de um direito à diferença. Cem anos depois de sua criação, aos institutos de psicanálise foi acrescida a tarefa clínica de dar conta das patologias do vazio e de cuidarmos de algumas sequelas da violência social contemporânea. Como cuidar disso no âmbito da formação analítica, sem indagar as causas que as subtendem e ampliar? E a realidade da violência na cultura atual, como as guerras, os estados de exceção ao direito, a homofobia, os filicídios e mil outras de suas expressões veiculadas de forma tão inquietante, seriam irrelevantes ao nosso método, passados quinze minutos do ataque de consciência social? Muitos autores consideram que as condições de vida

na sociedade contemporânea parecem estar servindo para acentuar a problemática narcísica.

Entre a classificação de ciência natural ou ciência social nos debatemos por muito tempo em nosso reconhecimento frente à comunidade científica, por outro lado, persistimos na dialética que compõe a teoria freudiana entre a natureza e a cultura, desde seu início com Freud, e depois, com outros teóricos da psicanálise que têm ampliado os estudos dos fatores ambientais que podem afetar a relação do sujeito com seu objeto primário, desestabilizando o psiquismo humano.

Discutimos muito se as patologias da mente variaram segundo os tempos, se lidamos apenas com novos sintomas, ou se as mudanças referidas dependem mais das variações culturais em que se inserem os novos observadores, mas precisamos reconhecer que devido a dificuldades ligadas à prática do trata-

SOBRE A REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE PSICANALISTA

ANA PAULA TERRA MACHADO

mento, a teoria e a prática psicanalítica não pararam de se modificar.

Se aceitarmos a tese da diversidade de modelos metapsicológicos existentes em psicanálise, poderíamos supor que tal diversidade impôs diferenças na abordagem da questão ética e da consciência moral e, também, diferenças de objetivos clínicos. As lutas de poder que empreendemos em nome de escolas psicanalíticas emanam do uso que fazemos disso.

Consideramos a conveniência de continuarmos a contribuir com o nosso pensamento psicanalítico, com a responsabilidade social que nos permeia, mas podemos pensar se a oposição que temos mantido entre o sujeito e o grupo ainda permanece útil, ou se podemos considerá-lo como inseparável de sua intersubjetividade, de seus limites, na própria experiência do tratamento, como propõem os autores que postulam a necessidade de se levar em consideração o fator afetivo da relação, sem o qual interpretações e construções seriam inoperantes pela resistência despertada.

A prática psicanalítica contemporânea não se compreende mais sem a análise da contratransferência, o que coloca uma grande responsabilidade sobre a análise do analista, que precisa ser ampla e profunda, e mais ainda, pelo viés da intersubjetividade, a personalidade real do analista ganha relevo, determinando que a ética que permeia suas trocas com o paciente e seu ambiente profissional também receba uma atenção destacada. Tudo isso se reflete em maiores exigências para as instituições psicanalíticas responsáveis pela transmissão da teoria e da prática analítica.

Temos registrado uma queda de interesse na procura por formação analítica em muitas sociedades brasileiras e o envelhecimento dos membros em

escala internacional.

Qual o perfil dos que ainda querem ser psicanalistas? Da experiência com os memoriais produzidos para as seleções cito expressões incontornáveis: a importância das figuras identificatórias e a empatia com a dor mental e os problemas sociais. Assim, no indivíduo que busca a formação analítica já se pode notar a presença daquilo que encontrará realização no exercício da sua função analítica, se conseguir conviver com os paradoxos de nosso modelo educacional em que, por vezes, a transmissão de uma formação e prática não se distingue de uma doutrinação.

Usa-se como lema que a preponderância da sociedade sobre o indivíduo deve permitir a sua realização, desde que consiga integrar-se a essa estrutura. Nas questões que envolvem o processo de aquisição da identidade analítica são referidas as múltiplas relações do candidato durante sua formação com o analista didata, com seus supervisores e professores, incluindo suas relações com a própria instituição, particularmente o instituto de psicanálise, cujo ânimo social não é composto apenas da paixão coletiva pela psicanálise, mas também de mitos, crenças, opiniões e preconceitos. Assim, os debates intermináveis com os nossos pares, sobre como pensamos e o que faremos para salvar o mundo e a nossa sociedade de nosso próprio ímpeto em descartar as diferenças, torna-se mais uma tarefa na formação permanente do psicanalista.

Os princípios éticos são normas objetivas correlacionadas a virtudes subjetivas, que precisam nortear a complicada negociação entre nossos ideais, desejos e nossas razões, sempre justificadas. Essa demanda atua nas dimensões do indivíduo, dos grupos sociais, e ainda inflama as espadas que guardam o jardim contra os homens decaídos. A

dignidade da pessoa humana continua sendo o paradigma supremo de toda a vida social e esta ética medeia nossa contemporaneidade como o ideal coletivo dominante, em que pese vozes discordantes, intrínsecas ao conflito humano por supremacia. Assim, parece que nos cabe continuar indagando se na construção permanente de nossos institutos de formação temos cuidado bem da transmissão de uma ética societária que possa dar sustentação às transformações práticas que o método psicanalítico vem sendo submetido. Se refletirmos sobre as idealizações que um dia nos inspiraram os textos clássicos e que reencontramos nos memoriais dos candidatos, talvez possamos considerar se a escassez de novos acolitos, e do que tão livremente temos chamado de erro de seleção, para denominar o número expressivo dos nossos candidatos que não concluem sua formação, também não se deve à nossa relutância em aceitar que os espelhos que oferecemos em nossas querelas societárias têm impellido os novos brotos a seguir o caminho de astros mais luminosos. Podemos repensar nossas políticas de identidades para os institutos que queremos construir?



Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS)



Há muito tempo se discute sobre a regulamentação da profissão de psicanalista. Embora a posição da FEBRAPSI, após consulta a seus membros, tenha sido pela não regulamentação, o tema tem gerado debates recorrentes em algumas instituições da federação. Tais discussões ocuparam as diversas diretorias que nos precederam e que trabalharam ampla e profundamente sobre o assunto; as ponderações, tanto pela regulamentação, como pela manutenção da posição atual envolvem consistentes argumentos.

A psicanálise no Brasil, como se sabe, é um ofício, e não uma profissão; ou seja, não está regulamentada como profissão. Ela está incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (C.B.O.) versão 2002, que não regulamenta, apenas reconhece as ocupações.

Até onde temos conhecimento, a psicanálise não é regulamentada em nenhum dos países do mundo.

A necessidade de marcar posição sobre o que é a psicanálise, seus fundamentos teóricos e sua práxis, remete à sua própria história. Desde Freud, inúmeras vezes tornou-se indispensável delimitar o campo psicanalítico.

Em nosso meio essa situação assumiu uma premência maior nos últimos anos, particularmente com a proliferação de entidades que têm oferecido cursos e formações psicanalíticas que não consideram os critérios indispensáveis à formação de um psicanalista estabelecidos desde a criação da psicanálise. A análise pessoal do analista, a supervisão do trabalho clínico e o estudo teórico dos textos psicanalíticos, aspectos fundamentais para que se possa exercer a psicanálise, têm sofrido gra-

ves distorções por parte desses grupos.

É importante lembrar que desde 1998 a FEBRAPSI, quando ainda era denominada "Associação Brasileira de Psicanálise", tomou a iniciativa de entrar com representação no Ministério Público envolvendo propaganda enganosa. O caminho foi basear-se no Código de Defesa do Consumidor, uma vez que a profissão não é regulamentada. Posteriormente, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) também seguiu essa prerrogativa por meio de seus conselhos estaduais.

Com o objetivo de tornar ainda mais eficazes e abrangentes suas ações, a FEBRAPSI juntamente com o Conselho Federal de Psicologia, e com a participação do Conselho Federal de Medicina e a Associação Brasileira de Psiquiatria convidaram várias entidades psicanalíticas independentes a se reunirem para debater a questão desses grupos que oferecem formação psicanalítica. Além disso, surgiu na mídia, sem que se soubesse sua origem, um "Conselho Brasileiro de Psicanálise".

Face a essa situação, foi criado em 2000 o "Movimento Articulação" constituído por entidades psicanalíticas que têm nos postulados freudianos os princípios que norteiam a formação de psicanalistas e o exercício da psicanálise. Nesse sentido, a "Articulação" tem sido muito atuante sempre que novos projetos de regulamentação da profissão se apresentam na Câmara dos Deputados. Os diversos projetos de regulamentação da profissão têm um longo histórico, iniciado em 1975, porém cabe destacar que nenhum deles foi formulado por psicanalistas.

A FEBRAPSI tem participado ati-

vamente da "Articulação" desde seus inícios representada pelo Diretor do Conselho Profissional que segue as diretrizes estabelecidas pela diretoria.

O entendimento de que a psicanálise, por sua própria especificidade, não deve ser regulamentada, tem sido consenso entre as instituições integrantes do Movimento Articulação. Porém, a idéia de não regulamentação não implica que devamos nos abster de defender o exercício da psicanálise, o que vem sendo feito por meio de ações jurídicas e manifestações públicas que culminaram com a publicação, pelo Movimento Articulação, do livro "Ofício do Psicanalista - Formação VS. Regulamentação", editado em 2009. Os textos sustentam a proposta firmada a partir do debate interno e expressam o pensamento comum das entidades.

Permanecer debatendo, avaliando e refletindo sobre esta complexa situação tem sido a posição da FEBRAPSI que, junto com o grupo que compõe a Articulação, tem se ocupado na última década desta relevante questão.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPde PA)



A ESCUTA DO PSÍQUICO: OBSERVAÇÃO E INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA EM UMA UTI NEONATAL E PEDIÁTRICA

MARIZA INGLEZ DE SOUZA

Do interesse inicial de Freud em investigar a peculiaridade do mundo psíquico, muitos psicanalistas passaram a ter como foco de seu trabalho a origem e as condições em que esse mundo psíquico foi se formando. Detiveram-se, assim, na pesquisa sobre a relação primordial mãe- bebê, que para alguns serve como modelo para a compreensão das relações objetais futuras. De qualquer modo, é consenso entre os psicanalistas que esse vínculo e as experiências vividas nos primeiros meses de vida são fundamentais para a estruturação da mente e para a organização do psiquismo. Se acreditarmos que o desenvolvimento psíquico deve muito às experiências emocionais vividas nos primeiros meses, compreenderemos porque o trabalho de observação e de intervenção precoce na relação mãe-bebê tem merecido cada vez mais atenção dos psicanalistas. O universo médico também tem estado mais consciente da importância da qualidade desse vínculo primordial, e tanto obstetras, pediatras e psiquiatras, como também enfermeiros e cuidadores em geral, deparam-se com situações extremamente delicadas e complicadas que exigem a observação e intervenção

não na mãe ou no bebê, mas no vínculo entre os dois. Para tanto, a escuta psicanalítica é uma ferramenta importante, pois ela pressupõe a compreensão de que o bebê tem um psiquismo, e de que há uma complexa interação entre o psiquismo da mãe e o psiquismo rudimentar do bebê. O viés específico da psicanálise e o aporte que ela pode trazer são únicos.

Mariza Inglez de Souza propôs-se a levar a observação psicanalítica da relação mãe-bebê (ampliada para pais-bebê) para dentro do contexto médico, especificamente para o cotidiano de uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal e Pediátrica. Nesse ambiente de grande complexidade e palco de intensas angústias, zelar pela construção e qualidade do vínculo pais-bebê, bem como da relação entre pais e equipe da UTI, foi um grande desafio e gerou muitas questões interessantes para a nossa reflexão. Além de colocar em relevo a importância das relações iniciais entre pais e bebês, um dos aspectos mais interessantes que o trabalho de Mariza Inglez de Souza evidencia é a especificidade da psicanálise: a profunda transformação que a presença

de um psicanalista (com sua escuta e olhar psicanalíticos) podem trazer a qualquer contexto humano (Freud deu-se conta desse poder e passou da catarse à escuta e à cura pela palavra). Outro ponto importante é apontar para a necessidade de ocuparmos, como psicanalistas, novos espaços em áreas da saúde e outras situações de convívio humano, expandindo e proporcionando aberturas.

O que se vê aqui, é que a presença da equipe de psicanalistas em uma Unidade Neonatal e Pediátrica provocou mudanças relevantes nos níveis de comunicação, compreensão e contenção das experiências angustiantes dos pais, médicos e enfermeiros que lidam com bebês em situação de risco. Pela importância da presença da psicanálise na detecção precoce de problemas no vínculo mãe- bebê (extensivo ao pai) e pela dificuldade de implantação desse tipo de serviço, em geral, Febraps Notícias conversou com Mariza Inglez de Souza, que coordenou este projeto de intervenção na Unidade Neonatal e Pediátrica do Hospital UNIMED Sorocaba.

FEBRAPSI: Como surgiu a ideia dessa intervenção e como ela se organizou?

Mariza: Fui estimulada inicialmente pelo atendimento de pacientes difíceis em consultório (adultos e crianças) que apresentavam áreas impermeabilizadas da mente e questões sérias relativas ao pensamento simbólico. Pareceu-me oportuno, no estudo dessas configurações, ampliar a investigação das origens das ansiedades não contidas na primeira infância, e intervir no momento que a maioria dos psicanalistas concorda ser inaugural na formação da mente, ou seja, a relação mãe-bebê. Minha experiência de Observação da Relação Mãe-Bebê pelo Método Esther Bick foi fundamental na consolidação desse interesse, e foi esse o método utilizado pelo grupo de Observadores Psicanalíticos por mim coordenado. Eu tinha a intenção de levar o olhar psicanalítico para dentro do contexto médico para que se evidenciasse a existência de vida mental no bebê e a importância das relações iniciais para seu desenvolvimento físico e mental. A situação adversa de uma UTI Neonatal e Pediátrica, cenário de alta complexidade com sobrecarga emocional para todos os envolvidos (bebê, pais, médicos, enfermeiras, psicólogos etc), revelou-se um campo extremamente fértil para a ob-

servação e a intervenção psicanalíticas, e extremamente carente de um tipo de continência e compreensão como esta. O trabalho se deu em duas fases: uma de observação, com a presença de um Observador Psicanalítico (treinado no Método Esther Bick de Observação de Bebês); e a outra de Intervenções Terapêuticas Conjuntas Pais-Filhos, seguindo a abordagem desenvolvida por Marisa Mélega inspirada no Método Esther Bick.

FEBRAPSI: Houve resistências ao trabalho?

Mariza: Sim, inicialmente fortes resistências de grande parte da equipe foram observadas. Apareciam claramente tentativas de desmerecer o trabalho, ou mesmo de impedi-lo. Entendemos essas resistências como fruto de defesas que a equipe desenvolve ao ter que se deparar cotidianamente com as questões de vida e morte no desempenho de suas funções. Quando o psicanalista entra em campo possibilitando o surgimento dos verdadeiros sentimentos, para serem pensados e não atuados, no primeiro momento fortes tensões são mobilizadas, pois as defesas começam a cair. Médicos e enfermeiras, de início não têm garantias de que poderão lidar com a angústia suscitada pelo

atendimento aos bebês internados na UTI. Paulatinamente foi sendo possível implantar o trabalho e ganhar a colaboração da equipe. Manter-me fiel ao método E.Bick centrado na observação do que ocorre, e na continência emocional, foi essencial para vencer os obstáculos.

FEBRAPSI: O que foi mais marcante no início da fase de observação?

Mariza: Na primeira fase de nosso trabalho, a fase de observação, inicialmente deparamo-nos com a complexidade do ambiente de uma Unidade de Terapia Intensiva que recebe bebês e crianças, e com os altos níveis de angústia a que todos os envolvidos estão submetidos. Se pensarmos nesse ambiente, que visa oferecer condições de sobrevivência ao bebê prematuro ou gravemente enfermo, é marcante a diferença do que esse bebê vive, se comparado ao bebê que está em casa, no aconchego do colo da mãe. Além de ser privado do mundo sensorial de contato com a mãe (seio, voz, batimentos cardíacos, odor materno etc.), ele é constantemente submetido a procedimentos médicos e tecnológicos tais como injeções, respiração artificial, intervenções cirúrgicas e toda série de manipulações que, embora necessárias, são desestabilizadoras

e intrusivas. Frequentemente o bebê internado em uma Unidade de Terapia Intensiva está com dor e precisa ser sedado. Isso dificulta suas reações e minimiza sua interação com o ambiente. Tanto para a equipe da UTI como para os pais, os problemas graves do bebê gerados por má formação, prematuridade e/ou doença, juntamente com a sedação e a imobilidade dela decorrente, geram efeitos importantes. É muito comum que a equipe e mesmo os pais sejam induzidos a considerar o corpo desse bebê manipulado, sedado e inerte como uma máquina, pois ansiedades insuportáveis ligadas ao risco de morte podem levar à alteração de percepção, separando o corpo do bebê de sua atividade mental. Além dessa interferência na percepção dele como criatura viva, os pais comumente sentem-se muito impotentes diante de um bebê que necessita tantos procedimentos médicos, e fracassados em seu sonho de terem um bebê sadio de quem possam cuidar autonomamente.

FEBRAPSI: Como a presença de um Observador Psicanalítico alterou a rotina da UTI?

Mariza: Embora haja muitas maneiras de lidar com a ferida narcísica provocada pelo nascimento de um filho com problemas, a situação de UTI costuma fazer com que os pais sejam frequentemente invadidos por fortes emoções que incluem experiências de impotência, confusão, medo, raiva, e mobilizam forte ambivalência, dificultando tanto a tomada de providências necessárias, quanto, principalmente, o contato afetivo com seu bebê e a possibilidade de continência. Nesse ambiente, também

a equipe médica e de enfermagem é submetida ao stress cotidiano e se depara com a dificuldade de infringir dor aos bebês e com a impotência de não poder salvar todos os bebês enfermos. Isso mobiliza defesas psíquicas que os distanciam emocionalmente dos pais e dos bebês, e desestabilidade emocional com sensação de fracasso ou culpa. O ambiente que envolve risco de morte pode tornar-se rapidamente persecutório e acusações mútuas podem ser trocadas de forma expressa ou velada.

Diante de tantas dificuldades, o que pudemos verificar de mais importante como mudança no ambiente da UTI em função da presença do psicanalista, observador silencioso que “apenas” acompanhava os movimentos dentro da UTI, foi o modo como os bebês passaram a ser tratados. De “máquinas” ou “o bebê do leito x”, “o bebê com a patologia y”, eles começaram a ser tratados pelo nome, como seres com subjetividade. Os pais e a equipe multidisciplinar começaram a se aproximar mais dos bebês, mesmo quando o sinal sonoro de emergência não tocava, e passaram a fazer menção a seus próprios sentimentos e às características e preferência dos bebês. A postura reflexiva do psicanalista, bem como sua presença continente e sua possibilidade de manter o bebê em sua mente, e sua capacidade de absorver as projeções dos pais e da equipe, forneceram um modelo novo e importante de identificação. Além disso, ficamos muito tocados ao perceber que a “simples” presença do psicanalista dedicando-se a observar o bebê passou a ser entendida como sinal de que ele possuía uma mente e esse fator contribuiu grandemente para as

mudanças de atitude observadas nos pais e na equipe.

FEBRAPSI: Por que surgiu a necessidade de uma segunda fase (de Intervenções Terapêuticas), como ela se deu e que tipo de situações vocês viveram?

Mariza: A oferta de uma escuta continente na primeira fase do trabalho trouxe muitos benefícios aos pais, à equipe e mesmo ao bebê. Avaliamos, entretanto, que as angústias e ansiedades ainda tendiam a ser atuadas em função da grande complexidade emocional de uma UTI. Assim, propusemos uma nova fase de trabalho, com a presença contínua de um psicanalista que pudesse observar e intervir terapêuticamente. Mantivemos nossa linha inicial de trabalho, baseada no Método Esther Bick, e demos sequência com o método de Intervenções Terapêuticas Conjuntas Pais-Filhos desenvolvido por Marisa Mélega. As intervenções, nesse método, estão focadas na relação entre pais e filhos, levando em conta o ambiente em que se encontram. Tivemos muitas situações que comprovaram a importância da palavra e da compreensão simbólica na contenção das emoções sem nome vividas em uma situação de UTI. Vimos que até o bebê é atingido e transformado.

Uma das experiências mais tocantes vivida por mim foi ajudar um bebê e seus pais a suportarem, na segunda tentativa, a retirada do tubo de oxigênio de que o bebê até então dependia para viver. Os pais de Pedro eram muito carinhosos e próximos de seu bebê, mas a mãe já havia perdido um bebê aos oito meses de gestação, e esse fato

somado às complicações pós-parto de Pedro, deixava os pais apavorados. O grau de ansiedade e medo dos pais era muito grande. Quando eles se aproximavam do berço isso já causava aceleração do ritmo cardíaco do bebê com consequente queda da saturação de oxigênio. Converso com os pais sobre seus medos e proponho uma reflexão sobre o fato de o bebê frequentemente se desestabilizar quando eles chegavam. Os pais sentem-se compreendidos e, aos poucos, junto comigo, levantam a hipótese de o bebê ter dificuldades para suportar as emoções contraditórias que eles transmitem. A partir daí, passo a conversar, primeiro com Pedro; comunico-lhe que seus pais vêm vê-lo e que compreendo que ele se sinta assim porque algo estava demais. Converso também com os pais, falando-lhes da sensibilidade de seu filho e de sua dificuldade em administrar várias sensações ao mesmo tempo. A aproximação mais cuidadosa e a possibilidade de filtrar a angústia que permeia a relação pais-bebê vão se mostrando benéficas. Na segunda tentativa de extubação, após esse trabalho com a família, explico o processo para o bebê e permaneço falando calmamente com ele durante todo o procedimento. Ao final do processo, o bebê se desestabiliza e os médicos pensam em retornar o tubo. Continuo falando com Pedro, dizendo-lhe que tente respirar normalmente e se não der certo, tentaremos novamente em outro dia. Ele se estabiliza e daí em diante não precisou mais da ajuda do tubo para respirar. O médico também esperou que eu falasse com o bebê e conteve a própria ansiedade, esperando a resposta do bebê.

FEBRAPSI: O que foi mais marcante nessa experiência como um todo, e o que isso traz como reflexão para a nossa área?

Mariza: O mais tocante e importante em termos da construção do vínculo pais-bebê e equipe-bebê, e em termos do que isso representa na formação de sua mente, foi a passagem de uma relação médica e angustiada para uma relação afetiva e uma escuta sensível das comunicações corporais do bebê. A junção de cuidados médicos corporais com o respeito ao sofrimento da criança e às suas características particulares, constituíram uma primeira abordagem simultânea do corpo e da mente do bebê, promovendo possibilidades de maior integração. Ele passou a ser visto como alguém que tem um mundo psíquico: nome, existência psíquica, aflições, medos, angústias, preferências etc.. Isso tudo revela a importância da detecção precoce de dificuldades na vinculação da mãe e do bebê. As situações iniciais de vida são extremamente complexas e importantes, como sabemos, mas nem sempre existe um serviço de diagnóstico precoce e apoio a esse momento de vida. Na UTI, é claro que essa situação se torna aguda, mas isso somente revela que mesmo nos casos menos graves, a intervenção precoce pode rapidamente desfazer complicações iniciais que, caso contrário, podem se tornar sintomas muito mais sérios no vínculo mãe-bebê.

FEBRAPSI: Você tem conhecimento de outras UTIs pediátricas que implantaram ou tentaram implantar serviços como esse?

Mariza: Este trabalho é diferente de

todos os outros serviços de que tive conhecimento, em função da especificidade do trabalho com a relação pais-bebê e da compreensão do bebê como receptáculo da angústia do ambiente que o circunda.

Creio que o diferencial foi a possibilidade de trabalhar de modo integrado com toda equipe, o que viabilizou um atendimento mais eficaz. Seria importante que trabalhos como esse pudessem ter maior ocorrência, dado o conhecimento que hoje possuímos acerca da importância da intervenção precoce.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)



*International Psychoanalytical Association
(Associação Internacional de Psicanálise)

É uma satisfação escrever no Jornal da FEBRAPSI como Representante Latino-americano no Board da IPA, pois já é uma forma de cumprir parte de minha função, qual seja, aproximar a IPA dos psicanalistas e das instituições psicanalíticas brasileiras. A experiência de estar no Board tem sido extremamente enriquecedora e prazerosa, a começar pela parceria e amizade com o outro representante brasileiro no Board, Altamirando Matos de Andrade da SBPRJ. Penso que juntos - e mais a parceria dos outros representantes latino-americanos - temos conseguido fazer a voz da América Latina e do Brasil ser ainda mais ouvida.

Nossa participação mais forte na IPA evidentemente ocorreu por ocasião da eleição do nosso colega Cláudio Laks Eizirik como Presidente, na gestão anterior. Entretanto, muitos outros colegas brasileiros já tiveram participação ativa na IPA em cargos eletivos ou não. Seguindo esta tradição, eu e Altamirando estamos cumprindo nossa experiência como Representantes Latino-americanos no Board da IPA. Quero destacar que nossa ação tem sido caracterizada por uma intensa integração com os outros membros latino-americanos do Board através de constantes reuniões virtuais, mas também com os representantes da Europa e da América do Norte, com quem temos trabalhado em diversos projetos.

Confesso que tenho me surpreendido com algumas constatações que estou realizando. Impressionou-me o quanto a IPA foi democratizada pela reforma administrativa realizada há poucos anos atrás. Esta reforma criou o fato novo de a sua Diretoria, o Board, ser composta por 7 representantes de cada continente, Europa, América do Norte e América Latina, eleitos independentemente do Presidente. O Presidente é eleito e, junto com ele, o seu Secretário. De modo independente, o

Tesoureiro será escolhido pelos três continentes, mas cada continente elege seus 7 representantes que comporão o Board (Diretoria). Quero sublinhar que o Presidente escolhe o seu secretário (que na próxima eleição será denominado Vice-presidente), mas os outros cargos, o de Tesoureiro e os Representantes Regionais, são eleitos de modo autônomo. Isso criou um sistema de “governo” em que o Presidente dirige a IPA tendo que aprovar todas as suas iniciativas por uma Diretoria que não foi escolhida por ele e que representa diretamente os membros do mundo inteiro. Dei-me conta que é uma forma mista de “governo”, entre o sistema presidencialista e o parlamentarista, em que o poder fica distribuído em uma base muito mais ampla. Considerando que os membros do Board têm como função serem “links”, elementos de ligação, com as sociedades componentes isso tem o potencial de aproximar sobremaneira as sociedades das decisões da IPA.

O Representante no Board tem a responsabilidade de tomar decisões através de seu voto nas reuniões e, para isto, deve estar adequadamente informado sobre os temas em questão. Além dos temas sempre presentes (discussão e aprovação, ou não, de relatórios dos vários Comitês, Novos Grupos, Publicações, Pesquisa, Financeiro, etc.), os temas mais importantes que estão em discussão neste momento:

Assumir uma posição estratégica em relação ao problema do aumento da média de idade dos membros da IPA. Tem sido constatado que o aumento na média de idade dos membros da IPA, associado à diminuição do ingresso de membros mais jovens, poderá acarretar problemas científicos, financeiros e administrativos para a IPA no futuro, caso esta tendência não seja revertida. Deverá ser desenvolvida uma ação envolvendo os Comitês de Difusão, Edu-

cação, Finanças, Ética e de Envelhecimento (Aging Committee), juntamente às Sociedades Componentes.

Reestruturação do organograma e dos mandatos dos Comitês da IPA visando a maior eficácia, articulação e sinergia com comitês correlacionados.

Novo plano estratégico da IPA para os próximos anos, sendo que será ele que orientará os investimentos da IPA no futuro próximo.

Redefinição da política de financiamento e funcionamento dos Comitês de Pesquisa da IPA.

Funcionamento do Comitê de Indicações e Nomeações com o objetivo de democratizar ainda mais o processo de escolha dos coordenadores de comitês.

Temos procurado, eu e Altamirando, manter as sociedades componentes informadas sobre os temas em debate, através de um contato com seus presidentes, visando aumentar sua participação e influência nas decisões a serem tomadas.

Espero ter podido dar alguma ideia das nossas funções como Representantes Latino-americanos no Board da IPA, dos principais temas em debate e, com isto, tornar a IPA um pouco mais presente em nosso meio. Os colegas que quiserem colaborar um pouco mais de perto na realização desta tarefa de representação, serão muito bem vindos. Desde já agradeço a atenção e a colaboração de todos.



Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)



RUGGERO LEVY

CARLOS BARREDO

COORDENADOR CIENTÍFICO DO CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICANÁLISE

FEBRAPSI: Gostaríamos que você destacasse, como diretor científico do Congresso da FEPAL, os principais focos privilegiados pela organização do evento.

Carlos Barredo: O Congresso vai se desenvolver em torno de seis trabalhos pré-publicados, dois por cada sub-região da FEPAL, sobre o tema “Tradição-Invenção”. Eles já foram debatidos nas distintas sociedades componentes ao longo deste ano. Cada dia do Congresso, em sessão plenária de uma hora, dois desses autores dialogarão entre si sobre o tema em que trabalharam. A seguir, o conteúdo dos artigos e as ideias apresentadas no diálogo prévio serão discutidos em pequenos grupos. A ideia é enfatizar as vias encontradas pelos analistas latino-americanos para desenvolver a psicanálise em nossas línguas, partindo das múltiplas variantes pelas quais recebemos e abrigamos o legado freudiano, e da pluralidade de leituras e enfoques com os quais fomos nos apropriando dessa herança. Ou seja, o caminho que nos leva a reinventar a psicanálise em nossa prática cotidiana como procedimento vivo e profundamente arraigado no meio cultural em que vivemos, em intercâmbio constante e fecundo com as diversas expressões desse meio.

FEBRAPSI: De seu ponto de vista, quais as principais contribuições desse Congresso para a psicanálise?

Carlos Barredo: Penso que a principal contribuição seria expressar claramente as diversas maneiras, segundo modos próprios de cada país ou região, de recriar em nossas línguas as tradições psicanalíticas, evidenciando a vitalidade da psicanálise na América

Latina. Isso se dará de muitas formas, desde as propostas que resgatam ideias e noções já apresentadas pelos distintos autores da região até aquelas que sugerem que nossa originalidade consiste na criação de uma posição enunciativa nova, capaz de refletir a forma singular com a qual nos apropriamos do legado freudiano e da literatura psicanalítica. Creio que é a partir desse modo próprio de reinventar nossa disciplina que podemos intercambiar com a Europa e a América do Norte, onde a psicanálise é percebida através de outras perspectivas.

FEBRAPSI: Quais os maiores desafios enfrentados pela psicanálise contemporânea, em sua opinião?

Carlos Barredo: Entendo que o desafio atual é o aprofundamento do debate histórico acerca do âmbito em que a psicanálise deva ser alojada como disciplina. Os discursos hegemônicos em qualquer época expressam a necessidade de domínio, que não é exercido só pela coerção, mas que busca encontrar meios de gerar adesões e convencimentos. Para isso, criam-se ficções, distintos tipos de relato, de acordo com a época, que tendem a desconhecer e silenciar os efeitos da alienação e marginalização e os sofrimentos que essas práticas de domínio produzem. A descoberta freudiana surgiu como alternativa às práticas sugestivas, tornando possível, por partir da noção de inconsciente, a escuta do sofrimento encerrado no sintoma neurótico que o discurso médico da época tendia a desconhecer. Desde então a psicanálise corre o risco permanente de recair naquilo de que se desprende. Sua especificidade tem de ser recriada na práxis cotidiana de cada

analista, em constante renascimento. Isto a converte em prática “sempre nova”, para a contrariedade daqueles que, não sendo sensíveis a esse matiz essencial, estão sempre em busca de renovações ou atualizações. Por configurar uma alternativa às ficções que procuram convencer, fica “aparentada” com as letras em todas as suas formas (o que nunca escapou à percepção de Freud), assim como com as artes e as ciências chamadas sociais, no campo das disciplinas que geram ficções alternativas ou “contraficcionais” em relação ao discurso hegemônico.

O caráter histórico desse debate é dado pela origem médica da psicanálise, ligada à figura do médico como aquele que recebe a demanda de cura ou de alívio para determinado padecimento. Mas o que já no início do século XX deu lugar às disputas sobre a prática analítica por “leigos ou profanos”, em que Freud saiu em defesa de Theodor Reik, foi tomando formas diversas nas distintas regiões em que a psicanálise foi se expandindo, às vezes por ideologias diferentes, outras por interesses corporativos variados, ligados a questões econômicas de inclusão nos planos estatais de saúde ou por diferenças culturais na concepção dos procedimentos terapêuticos.

Na atualidade, esse debate se expressa entre as concepções que afirmei no início desta resposta e a postura sustentada por muitos colegas que, animados por um ideal de cientificidade ligado a procedimentos de investigação empírica e a interesses acadêmicos, sustentam a conveniência de aproximar (e inclusive incluir) a psicanálise no campo das neurociências ligado à neurobiologia. Tal atitude e sua confluência com as concepções da psicologia cognitiva



29º CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICANÁLISE

INVENÇÃO – TRADIÇÃO

e com o desenvolvimento e a fabulosa expansão e difusão dos psicofármacos, assim como os enormes interesses vinculados à sua comercialização, desembocam no paradoxo de querer defender a psicanálise postulando a conveniência de aproximá-la de práticas que aconselham outras práticas de tratamento, supostamente complementares ou coadjuvantes de seus fins terapêuticos, mas dificilmente coerentes com a ética que orienta nossa práxis.

FEBRAPSÍ: Que mensagem a FEPAL traz aos psicanalistas latino-americanos?

Carlos Barredo: Nossa mensagem diz respeito à necessidade de fortalecer nossa Federação, favorecendo o incremento de todo tipo de intercâmbio em um plano de equidade com as outras regiões.

FEBRAPSÍ: Quais as novidades, em termos da organização do Congresso?

Carlos Barredo: Concebemos o Congresso como uma oportunidade muito especial de encontro entre analistas da região. Assim, tratamos de priorizar os espaços de discussão, debate e troca de ideias entre colegas, mais do que os espaços centrados na exposição de produções pessoais. Com esse mesmo espírito tratamos de reduzir, dentro do possível, os espaços plenários que condicionam ou limitam tais intercâmbios, favorecendo a criação de pequenos grupos. Durante o Congresso – com inscrição limitada, mas sem custo adicional – terá lugar o “Encontro Psicanalítico em Línguas Ibero-Americanas” que, com o

tema “Propagação e Escuta da Linguagem do Inconsciente”, reunirá analistas de línguas castelhana e portuguesa da América Latina, Europa e América do Norte para discutir sobre a ficção como veículo do inconsciente em Bion e em escritores como Clarice Lispector e Jorge Luis Borges.

Favorecemos também o funcionamento de grupos de trabalhos clínicos (Working parties) que funcionarão em sete modalidades distintas, algumas com modelos praticados há alguns anos em outras regiões e outras com modelos que partem de iniciativas de analistas da Argentina, do Brasil e do Uruguai. Creio que a riqueza e a intensidade dessa experiência, para além dos distintos planos de investigação que as sustentam, promovem um tipo especial de laço social entre os analistas que debatem sobre sua prática, o que não somente nos enriquece como analistas, mas também beneficia nossas instituições. Esses grupos terão lugar na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo durante todo o dia 9 de outubro e na manhã do dia 10.

Outra particularidade é a realização de vários painéis simultâneos sobre “Universidade e Psicanálise” no dia 10 de outubro, na sede do Congresso. Participarão membros distintos do espaço acadêmico ligados ao ensino da psicanálise, juntamente a colegas interessados nessa temática que vem ganhando espaço nos países da região que oferecem diversos formatos de programas de mestrados e doutorados acadêmicos ligados à psicanálise.

FEBRAPSÍ: O que você poderia nos dizer sobre sua experiência de organização científica do Congresso?

Carlos Barredo: Trabalhamos intensamente para aproviatar essa conjuntura histórica singular que nos permitiu organizar consecutivamente dois congressos nos próximos dois anos nas metrópoles mais populosas e com maior quantidade de analistas da América Latina – isto é, São Paulo em 2012 e Buenos Aires em 2014. É uma oportunidade única para levar adiante nosso objetivo de fortalecer a FEPAL e trabalhar para transmitir e difundir a psicanálise que acreditamos e a maneira como a concebemos, ligada às nossas raízes.



Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (APdeBA)



10 A 13 DE OUTUBRO DE 2012 • SHERATON WTC
CONVENTION CENTER • SÃO PAULO / BRASIL
WWW.FEPAL2012.COM
FEDERAÇÃO PSICANALÍTICA DA AMÉRICA LATINA

revista brasileira de psicanálise

PASSAGENS-ENTRE O MODERNO E O CONTEMPORÂNEO

BERNARDO TANIS | editor

No ano em que o Congresso da FEPAL acontece no Brasil e tem como tema Tradição – Invenção, a Revista Brasileira de Psicanálise propõe um olhar para este hífen, este lugar de trânsito, de passagem, de movimento e de transformação.

Passagens, entendidas como experiências de regiões limite e de trânsito, é o que constantemente ocorre na vida mental em momentos de transformação, do primário para o secundário, assim como em sutis detalhes do cotidiano, como os instantes de passagem do sonho para a vigília, do traumático para o simbolizado. Em um nível mais amplo, as passagens aparecem nas instituições na questão dos lugares ocupados e na maneira como estas transições se dão.

A riqueza e a complexidade dessas perspectivas mobilizou a equipe editorial na concepção de dois números interligados de nossa revista. O primeiro, recentemente publicado, foca no estreito vínculo que liga a psicanálise e a sua chegada ao Brasil ao questionamento dos ideais da Modernidade, ao

Modernismo e às vanguardas europeias do início do século XX. A Psicanálise, que desde então teve notório desenvolvimento e expansão em nosso país, trouxe a perspectiva crítica com a qual Freud inaugura uma nova possibilidade de transformação da subjetividade ao privilegiar o registro da liberdade em contraposição ao da submissão como resposta ao desamparo.

O segundo número, que será lançado no Congresso da FEPAL em outubro de 2012, colocará em perspectiva a clínica atual e a ideia do contemporâneo, dialogando com a proposta curatorial da 30a Bienal de Artes de São Paulo, Iminência das poéticas, cuja inauguração em setembro de 2012 antecede o Congresso. Seu curador, Luis Pérez Oramas, concedeu uma instigante entrevista que fará parte deste número, sintetiza sua proposta para a exposição: “A ideia é ver como o presente projeta sua sombra sobre o passado e transforma um legado histórico em elemento da contemporaneidade”. Prestamos também homenagem a André Green,

publicando uma entrevista realizada por Fernando Urribarri, seu colaborador intelectual nos últimos anos.

Esperamos, como editores, que a complexa trama simbólica que a riqueza destes números contempla, clínica e conceitualmente, contribua para o diálogo e abertura em torno dos problemas e perspectivas que desde a clínica e a cultura nos interrogam e possam estimular os debates que terão lugar no contexto do Congresso da FEPAL, assim como no próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise em Campo Grande no qual o Ser contemporâneo estará em pauta em suas várias perspectivas.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)



eventos

29º CONGRESSO FEPAL: INVENÇÃO – TRADIÇÃO de 10 a 13 de outubro de 2012

Local: Sheraton Trade Word Center
Av. Das Nações Unidas, 12.551
Brooklin Novo – São Paulo, SP

48º CONGRESSO DA IPA: “FACING THE PAIN” 31 de julho a 3 de agosto de 2013

Local: Hilton Prague
Praga – República Tcheca

GEPFOR | IV JORNADA DE PSICANÁLISE “PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS EM PSICANÁLISE”

20 a 22 de setembro de 2012
Local: Praiano Hotel
Av. Beira Mar, 2.800
Fortaleza - CE

SBPSP - II JORNADA DE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: VIOLÊNCIA, ÉTICA E ALTERIDADE

22 de setembro de 2012
Local: Sociedade Brasileira de
Psicanálise de São Paulo
Av. Dr Cardoso de Melo, 1450 –
9º andar | São Paulo - SP

